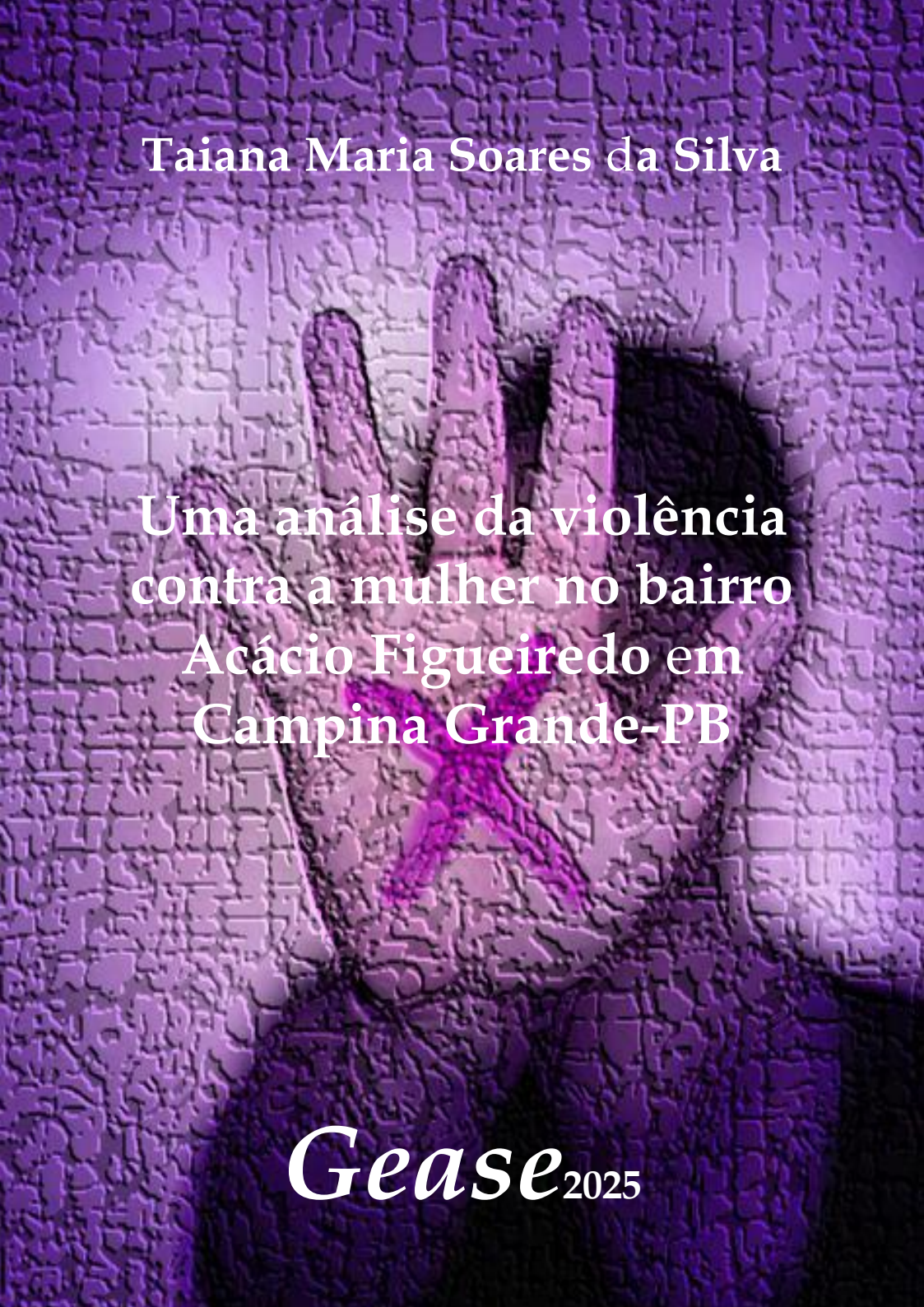
Taiana Maria Soares da Silva



Uma análise da violência contra a mulher no bairro Acácio Figueiredo em Campina Grande-PB

Gease 2025

Taiana Maria Soares da Silva

Uma análise da violência contra a mulher no bairro Acácio Figueiredo em Campina Grande-PB

*Gease*2025

CONSELHO EDITORIAL

Patrício Borges Maracajá - UFCG
Tatiana Cristina Vasconcelos - UEPB
Ennio Artur Aires Porto Ferreira - FIP
Aline Carla de Medeiros - UFCG
José Ozildo dos Santos - UFCG
Aline Carla de Medeiros - UFCG
José Givaldo de Sousa - UFPB/UNIFACISA/SEDUC-JP
Danielly Carneiro de Azevedo - UFCG
Fernando Kidelmar Dantas de Oliveira - UFCG
Jakson Luís Galdino Dourado - UNIFIP
Alecksandra Vieira de Lacerda - UFCG
Silvia Regina Gobbo Rodrigues - UnB
Juliana Roriz Aarestrup - IFMT
Marisa Artmann – IFMT
Ênnyo José Barros de Araújo - FRCG
Samara Campos de Assis - FIP
Rosângela Vieira Freire – IFCE
Eriana Serpa Barreto - UFMT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S568u
Silva, Taiana Maria Soares da. **Uma análise da violência contra a mulher no bairro Acácio Figueiredo em Campina Grande-PB**. Campina Grande - PB: GEASE, 2025.
62 p.

ISBN – 978-65-01-07219-7
Livro Digital

1. Violência. 2. Violência Doméstica. Mulher. 4. Políticas Públicas. I. Título.

21. ed. CDU: 262.83

A mulher é violentada toda vez
que algo lhe é imposto. É violada em sua
individualidade e sua dignidade uma vez que
perde o poder de decisão sobre seu corpo.

Mary Scabora - Psicóloga Clínica

Sumário

Apresentação..... **9**
O espaço e suas dimensões como categorias de análise..... **13**
A territorialidade de Campina Grande-PB, suas relações no tempo e no espaço..... **17**
Um olhar historiográfico sobre o território da violência..... **23**
Configurando momentos da violência contra a mulher..... **27**
A espacialidade da violência e as políticas públicas voltadas para sociedade campinense..... **33**
O Bairro Acácio Figueiredo: Um espaço da violência em Campina Grande-PB..... **41**
A violência contra a mulher no bairro Acácio Figueiredo em Campina Grande-PB..... **47**

Conclusão..... **57**

Bibliografia..... **59**

Apresentação

A violência, fenômeno que se alastra pelo mundo, ocorre em todas as camadas sociais e vem aumentando significativamente. Partindo dessa premissa, procuram-se entender as motivações, as variantes sociais e o histórico sócio cultural dessa problemática que se propaga pelo bairro Acácio Figueiredo, em Campina Grande, na Paraíba.

Através de estudos feitos na comunidade, constatou-se que esses acontecimentos se manifestam nas suas variadas formas, no entanto, pode-se observar que ela é generalizada, aniquiladora e simbólica, mais especificamente praticada contra a mulher no domínio doméstico, como também conhecer melhor as ações do governo utilizadas no que diz respeito a essa conjuntura.

A partir desta concepção surgem perguntas: O que as pessoas, que vivenciaram e vivenciam os momentos da violência contra a mulher, no bairro Acácio Figueiredo, em Campina Grande-PB, pensam das políticas públicas? É viável persistir no custeamento de políticas públicas sobre a violência contra a mulher?

Ao buscar reduzir e combater as injustiças por meio de políticas públicas estaria o Estado atendendo às reivindicações das sociedades? Em torno das perguntas destaca-se o objetivo geral, o fenômeno da violência contra a mulher no bairro Acácio Figueiredo, em Campina Grande-PB,

e objetivos específicos, tais como: o valor sociocultural das pessoas, que vivem com esse tipo de violência; o perfil socioeconômico e cultural das pessoas da comunidade Figueirense e sua convivência com a violência contra a mulher e pesquisar materiais empíricos e históricos relacionados às violências.

Neste aspecto, enfoca-se recorte em diferentes momentos historiográficos no âmbito da violência no Brasil, para se entender melhor a busca de elementos significativos da formação e do contexto histórico no bairro Acácio Figueiredo, na cidade Campina Grande-PB.

A violência se adapta às contingências históricas sociais, cruzando o tempo no espaço, como foco de aversão, com vistas dos elementos existentes que a constituíram, este estudo se deteve numa investigação sobre a violência contra a mulher em parte do território campinense. Aqui elas aparecem com um conteúdo locacional e ocasional, integrando-se a outras formas.

Portanto, foi necessário trazer à tona a história da violência contra a mulher, em Campina Grande, por isto, apoiado pela metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica de autores como Bauman (2009), Macedo (2002), Maricato (2008), Santos (2008), Almeida (1994) dentre outros, como também a técnica de questionário e entrevistas gravadas e fotografias, oportunidades que tivemos de conversar com as vítimas de violências.

Entretanto, a realização da pesquisa justifica-se em virtude de observações feitas no bairro Acácio Figueiredo

(Catingueira), que despertou o interesse em saber quais os motivos de tantas violências num pequeno espaço de tempo, sem motivos aparentes e sem solução. A contextualização e a identificação desses elementos resultaram como fonte de identidade local, inseridas no cotidiano das pessoas, vitimadas (vítimas).

Ressalta-se então, que a crescente e desordenada urbanização contribuiu para a disseminação do fenômeno violência, devido ao grande fluxo de pessoas e a falta de acesso aos direitos básicos que consequentemente vivem as pessoas em situação de extrema pobreza, reflexo de políticas decadentes, desorganizadas e principalmente corruptas de países subdesenvolvidos ou emergentes.

Na interpretação da humanidade relacionando-as com o mundo à sua volta, no domínio das emoções e do anseio das pessoas no mundo, de que os espaços não são uma cadeia de informações acumuladas, mas que também envolvem intenções das sociedades.

O espaço e suas dimensões como categorias de análise

O espaço é um conceito-chave da Geografia, tendo merecido a atenção de diversos pesquisadores seguindo distintas perspectivas histórica, cultural e social. A presente investigação se propõe a abordar os múltiplos aspectos, através de suas categorias geográficas, de modo diferenciado em suas dimensões no tempo, numa construção socioespacial.

A complexidade em definir o território é evidente, que envolve, além do espaço físico, espaço geográfico, lugar e próprio território, que ultrapassa fronteiras, atingindo o espaço simbólico, subjetivo essencial ao ser humano.

Nesse contexto, Santos (2005, p. 15) considera que:

> *"O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida. Todavia, considerá-lo assim é uma regra de método cuja prática exige que se encontre, paralelamente, através da análise, a possibilidade de dividi-lo em partes".*

Diante do exposto, as práticas sociais interagem com o espaço, apropriam-se dele, transformando-o em uma ordem sociocultural. No entanto, é através dessa incorporação que o homem edifica e usa os lugares definidos pela ação habitual, no entanto, o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida, em sociedade.

Nesse sentido, as vivências do lugar assumem significado especial, no ponto de vista de uma educação que se volta a atitudes de vinculação recíproca e participação e que valoriza o conhecimento que promove a identidade, pessoal, social e espacial (HALL, 2005).

Nesse contexto, a personalidade humana tem caráter decisivo em que, o indivíduo possui a tendência natural de sobrevivência que é primordial para sua existência, (o de dominação), sendo responsável pelas diferenças e os confrontos sociais nas disputas territoriais, no caso do Brasil especificamente as diferenças de classes o que culminou em um país repleto de divergências territoriais diversas.

Raffestin (1993) enfoca que toda identidade implica numa territorialização, é que nesse sentido, em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores que produzem territórios, contudo, é o espaço delimitado que adéqua à consolidação, ou a objetivação, ou a visibilidade do arranjo e das características dos distintos grupos sociais em escalas diferentes.

Já Castro (2008, p.81) diz que:

> *"Territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais nos mais diferentes séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica cíclica".*

O território, na maioria das vezes, de acordo com o estudioso, é permanente, e também é por períodos, o que

explica este desejo insaciável que alguns têm de dominar e delimitar seu espaço ou território.

Corrêa (1994, p. 48) enfatiza que:

> *"É um reflexo à medida que, em razão de vantagens locacionais diferenciadas, verificam-se uma hierarquia urbana e uma espacialização funcional definidora de uma complexa tipologia de centros urbanos"*.

Compreendendo também que o ser humano é essencialmente egoísta e dependendo se sua formação subjetiva, pouco se importa com o sofrimento alheio, assim, pensa em possuir cada vez mais, ideologia pregada pelo sistema vigente, segundo Sidekum (2013, p. 154):

> *A busca do interesse próprio, o incentivo ao lucro desmedido, a acumulação ilimitada, são entre outros, paradigmas considerados universais e servem como referência para produção de identidades sujeitadas ao modelo capitalista de sociedade.*

Na disputa marcada pelo espaço urbano, e o fracasso das políticas sociais, a degradação desses espaços, a ausência de investimento para uma moradia adequada, a falta de emprego gera a segregação espacial, a formação de favelas. Os conflitos urbanos e de classes sociais provocam a prática de violência em suas variadas formas de manifestações.

A territorialidade de Campina Grande-PB, suas relações no tempo e no espaço

Num significado bastante amplo e de configuração analógica os historiadores em afinidade à questão de "*recortar o tempo*", isto é, da periodização, os geógrafos têm também no "*recortar o espaço*", ou seja, nos seus métodos regionais (regionalização), seus grandes dilemas. No entanto, para Santos (2008) é fundamental considerar o espaço como uma instância da formação social e territorial e, tentar compreender sua imbricação com os interesses econômicos, politicas e cultural.

Em relação à história, pode-se assegurar que, a periodização representa como uma questão fundamental para os historiadores, porém, a regionalização aparece como questão central para os geógrafos.

Alguns estudiosos a exemplo de Moraes (2005, p. 51), afirma que "*o Estado é de imediato definido como um Estado dotado de um território [...], uma forma de Estado especifica e historicamente localizada [...], assim, está o fato de ele possuir um espaço demarcado de exercício de poder*".

Pelo exposto o autor confirma que, no qual o poder pode estar integralmente sob seu real controle ou manter

partes que constituem artefatos de arranjo territorial.

O contexto coloca em evidência as investigações de algumas das práticas de produções sóciosespaciais do ser humano em suas relações de "*tempo e espaço*", conforme cada referencial histórico no campo da cultura (SANTOS, 2007).

O fato de algumas ações serem praticadas, como a fixação do homem no microterritório campinense, no bairro Acácio Figueiredo, o nome é uma homenagem a um dos primeiros habitantes do local, o fazendeiro Acácio Figueiredo, que por volta da década de 1970 loteou a área por decreto da prefeitura que tinha interesse em expandir a estrutura urbana da cidade, sendo entregue, no primeiro momento uma parcela privilegiada de agricultores.

Portanto, pode-se falar que esse microespaço cresceu e passou por mudanças sucessivas, marcadas por manifestações particulares interligadas e que evoluíram juntas e obedeceu a princípios gerais, como a história do próprio lugar.

Entretanto, busca-se compreender o papel das formas geográficas materiais, sociais econômicas, jurídicas e politicas impregnadas na comunidade Figueirense. Porém a falta de planejamento urbano aliado ao crescimento do bairro levou ao surgimento de uma área sem infraestrutura.

Nesse contexto, o fazer politica trafega em muito pelas formas e modos de valorização dos lugares. No entanto, o primeiro nome do bairro tem origem em uma árvore conhecida como "*Catingueira*", devido a sua vasta ocorrência, naquela localidade, é um tipo de vegetação do semi-areado cujo nome científico é *Caesalpinia Pyramidalis Tul,*

(Catingueira), a foto 01, mostra a árvore à catingueira.

Foto 1: Catingueira árvore que originou o nome do bairro

Fonte: Autoria própria

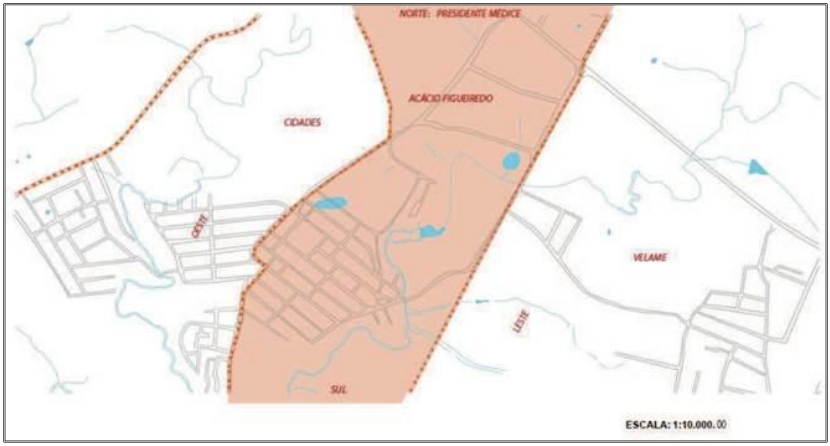
No entanto, neste aspecto, a natureza em análise é vista como pura riqueza a ser apropriada, e o espaço e os recursos naturais são tomados como inesgotáveis. Nesse sentido, não se encontra essa árvore (catingueira) na comunidade, porém, essa postura de desmatamento se repete, conforme a estratégica teórica da geografia possibilista francesa de Vidal de La Blache (CORRÊA, 2007).

Contudo, em um rápido exame revela que o bairro cresceu consideravelmente e com esse, de certa forma

desordenada invasões surgiram, feitas por populares que na maioria residiam em sua circunvizinhança. Fazendo-se uma análise, verifica-se que essas pessoas exerceram (exercem) fundamental influência vinculada à distribuição e circulação de riquezas nos confrontes do comportamento da população local, aos 36 anos de convivência e existência do bairro.

Pode-se então, ressaltar que a questão locacional diz respeito à distribuição de terras em diversos lugares do mundo (Brasil é um país com diversidades territoriais), em qualquer tempo, em que se presentifique a população que compõe ligações com fontes comuns características, que permite interpretar cada espaço, ou seja, a sociedade, em sua organização espacial, criando possibilidades para estimular e responder às necessidades das pessoas, através das práticas de produção sociocultural (SANTOS, 2007).

Figura 1: Mapa do Bairro Acácio Figueiredo em Campina Grande-PB.



Fonte: Autoria própria

Conforme o mapa (figura 1) documenta e contextualiza situando o bairro Acácio Figueiredo (antigo bairro da Catingueira), na zona Sul da cidade de Campina Grande, estes limita-se com os bairros: ao Norte Presidente Médici, ao Leste Velame e Catolé de José Ferreira, ao Oeste Três Irmãs e Bairro das Cidades e ao Sul Alça sudoeste (Br-230).

Na análise do mapa do bairro Acácio Figueiredo, percebe-se os seus limites, que permite uma leitura contextual e que distinguem suas imediações, a cidade e sua estrutura urbanística periférica. Nesse sentido, dando dimensão a realidade a segregação social.

Com o processo de urbanização a cidade gerou um crescimento populacional desordenado, como consequência de uma irregular organização espacial, constituindo bairros com infraestrutura precária, sem saneamento básico, entre outros problemas sociais, Lopes (2008, p.167), afirma que:

> *A realidade sócio-espacial da cidade não é um conjunto de compartimentos estanques – aqui a economia urbana, ali os conflitos sociais; aqui a degradação ambiental, ali o déficit habitacional; aqui a pobreza, ali a criminalidade; aqui o planejamento, ali a segregação residencial. As dimensões das relações sociais (economia, política, cultura...) ao interdependente, os processos se interligam, os agentes modeladores do espaço urbano interagem incessantemente, as escalas dos problemas e das soluções são complementares entre si.*

Nesse contexto, a cidade se caracteriza por níveis relativamente diferentes, porém, a sua formação não pode ser desassociada a realidade, diante das novas atribuições no âmbito do desenvolvimento socioespaciais.

A população enfrenta a fragilidades do sistema governamental, pois a vida cotidiana das pessoas, estar no eixo dinâmico da estruturação urbanística da própria cidade. Quanto à cidade de Campina Grande- PB, a sua evolução do espaço urbano tem seu sentido positivo e negativo, pois, através dessa incrementacão que foram criados novos empregos, facilitando as condições de vida de parte boa da população.

Dessa forma, a cidade é um elemento impulsionador do desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas. Diga-se, então que a cidade é lugar de ebulição permanente.

Um olhar historiográfico sobre o território da violência

O território dominado pela violência representa um fenômeno humano que compreende as relações de conflito e poder, nesse olhar geográfico pode-se afirmar que o território torna-se cíclico e periódico, em diversas épocas históricas. Observa-se então que a violência assume varias formas e características, que vão se destacando no decorrer dos séculos em todas as regiões do mundo.

No entanto, diante da amplitude da temática, torna-se essencial delimitar como foco do estudo, a violência contra mulher em Campina Grande, especificamente no bairro Acácio Figueiredo (antigo bairro da catingueira).

Pedrazzini (2006, p.32), argumenta que "*o território forma-se a partir de suas divisões sociais*".

Com isso entende-se que as más condições de vida da população, de periferia e "*favelas*", contribuem para que haja um território do crime, uma delimitação de espaço, onde "*um*" comanda , rege suas leis e determina o que deve ser feito.

Desse modo, o espaço, enquanto construções surgem divisões e, nessa a do território do medo (do temor, da covardia do crime e o da violência). A violência contra as mulheres assume muitas formas – física, sexual, psicológica e econômica, que se destacam desde primórdios à

atualidade.

Assim, ressaltam-se os motivos que vão desde questões de gênero, comportamento humano, todas enraizadas na questão antropológicas das sociedades, não sendo confinados a uma cultura, num território específico, nem a grupos de mulheres em particular. As raízes da violência contra as mulheres decorrem da discriminação persistente contra as próprias.

Neste sentido, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não da implicação anatômica de seus corpos, não existe procriação sem a diferença de gênero (sexo), diante desse pressuposto sexualidade e gênero são dimensões diferentes que integram a identidade pessoal de cada individuo, são afetados e se transformam conforme os valores sociais vigentes em uma dada época na historia da humanidade.

Smith (2003, p.61) enfatiza que "*quando o pensamento não é mais alimentado de fora ele se volta para dentro, analisando,formulando,investigando os sentimentos interiores*".

Contudo na atualidade esse sentimento ainda é alimentado por algumas pessoas que acreditam e tem valores sociais preconceituosos, é oportuno expor, com o passar dos anos, as características da violência não foram transformadas, o espirito agressivo não foi contido, mas sim maquiado, aquilo que antes era utilizado como imposição de respeito recebeu muitos significados como, estupidez, grosseria, selvageria, agressividade, brutalidade, finalmente a "*violência*".

Apesar de todas as mudanças sociais que vêm

incidindo, a violência continua existindo como uma explícita manifestação da discriminação de gênero, abordando milhares de crianças, jovens e mulheres prioritariamente no ambiente intrafamiliar.

Neste sentido, é notório reafirma que apesar de todos os avanços e conquistas realizada pelas mulheres na sociedade, persiste a forma de manifestação do poder masculino por meio da expressão da violência física, sexual ou psicológica, que agride e reprime (VANNUCCCHI, 2002).

No entanto, esses atos são comumente identificados apenas como um sinal da pobreza ou da desestruturação social que acomete certos grupos sociais, uma visão reducionista dos problemas enfrentados dentro da sociedade, contudo a violência atinge todas as classes sociais, na formação do caráter humano.

Configurando momentos da violência contra a mulher

O aprofundamento dessa investigação no campo da irracionalidade humana, sobre a violência de formas diversificadas, entre o conjunto de noções e conceitos aberto e ecléticos, destacamos o sentimento de consternação da violência numa acepção por propagar-se em todos os períodos histórico-sociais de diferentes civilizações. Entretanto, os dois sexos (masculino e feminino) são vítimas ao mesmo tempo do outro e de si.

Perpetua-se o duelo entre a paz e a revolta, em que se atraem enquanto homens e mulheres e se ignorarem como semelhantes. Libertada a mulher, libertar-se-á também o homem da opressão equiparada, entre dois adversários enfrentando-se em sua pura liberdade, fácil será encontrar um acordo, entre ambos (BEAUVOIR, 1967).

Como balanço da herança do passado dos contínuos episódios da violência entre a mulher e o homem, poderá a mulher adquirir segurança e prestigio social, sem que nada tenham a ver entre sexos. É uma libertação necessária não só para a mulher como para o homem.

Porque este possui uma verdadeira lógica de senhor e servo, desgastado pela preocupação de se mostrar macho, importante, superior, desperdiçando tempo e forcas para

intimidar e seduzir as mulheres, obstinando-se nas mistificações destinadas a manter a mulher subjugada a si, enquanto persistir o mito do "*eterno feminino reprimido pelo masculino*".

Nesses termos, ainda Beauvoir (1967) esclarece que, a revolta é tanto mais violenta quanto mais vezes ela mãe/mulher perdeu o prestígio. Ela se apresenta como a que espera, suporta, se queixa, chora, na realidade diária, esse papel ingrato não conduz a nenhuma apoteose; vítima, ela é desprezada; megera, detestada.

Seu destino aparece como exemplo da insossa (sem-sal), contudo, presa a sua função de dona de casa, ela detém a expansão da sua existência, do obstáculo e da negação.

Entretanto, o que se pode analisar no exposto, possa compreender a sua totalidade histórica rodeada de mistério, sobre a mulher, é a maneira contra as reservas que opõem à sua indiscrição, como uma forma de se dar importância, o que ela procura conquistar por todos os meios sua vivência e, ser compreendida na sociedade, em que a própria não acredita, na qual desempenha um papel importante, como companheira e cidadão.

Contudo, tolera e afeta aos que as desprezam; isolam-se o mesmo impulso, que nas hordas do não civilizado à supremacia masculina, o que se traduz em cada nova atitude iniciada por uma recusa de seu destino, nela, a transcendência condena o absurdo da imanência.

Esse tipo de problema tem preocupado a sociedade brasileira e campinense, visto que no Estado da Paraíba, esse

problema é seríssimo, e a realidade é alarmante, motivo de despertar a sociedade paraibana especialmente os campinenses, a procurar meios de combater a crueldade, haja vista, que o sentimento de posse e poder utilizado por alguns homens que se apropriaram da palavra amor para maltratar e até matar suas companheiras vem causando medo e pavor.

Santos (2008, p. 71), diz que:

> *O amor é um sentimento que está presente nas práticas da vida corriqueira que, para além da rotina, guarda em si a possibilidade de refletir sobre a existência corporal e criar, para esta realidade, sentido. O amor do ser humano é produtor de uma realidade advinda de sua capacidade de problematizar o mundo em que vive, de refletir sobre si mesmo, de modificar-se, perceber-se como pessoa a partir da experiência de si, sem, no entanto perder a referência de um ser social. O amor advém das práticas de si com o outro, de suas formas de refletir sobre a vida, da criação de um estilo de vida em conjunto. A imagem do amor positiva é problemática para a mulher contemporânea que sofre algum tipo de agressão física ou psicológica.*

Devido o mau uso da palavra amor, algumas mulheres fogem desse sentimento por ter sido vítimas de seus companheiros, que diziam ama-las, mas as maltratam, mesmo assim algumas religiões consideram o homem como senhor de suas esposas, em pleno século XXI e, pessoas que concordam e até pregam, esse comportamento da humanidade, no entanto, porque essa prática habitual de violência brutal contra a mulher? E, porque elas não conseguem se libertar desse

tradicionalismo?

Mas a opressão contra o sexo feminino sempre foi motivo de preocupação, e não é motivo de escândalo, no que se referem à questão social, as sociedades foram estruturadas na base patriarcal, porém, os homens se utilizam desse fato para satisfazer o seu desejo machista, já que acreditam que as mulheres foram criadas para serem mães e esposas, controladas, submissas, sempre prontas a obedecer-lhes, e quando isso não é aceito por elas, muitos se sentem com o direito de punir.

De acordo com Macedo (2002, p. 28), *"os homens, fossem pais ou maridos, reservavam-se o direito de castigar a mulher como a uma criança, um doméstico, um escravo"*.

Portanto, em se tratando de escravidão, porque não aludir às mulheres negras escravas que eram obrigadas a servir a seus senhores, para satisfazer seus desejos carnais. Realmente na atualidade isso não é algo aceito ou tido correto segundo a lei, ao contrário é absurdo, humilhante, mas muitas mulheres se aceitam nesta condição, por acreditar que o homem é dominador sexualmente e pelos sentimentos a eles atribuídos.

Esses acontecimentos passados, de certa forma, atuais, revelam o porquê de alguns homens não aceitarem que as mulheres se tornem independentes, se utilizando de um machismo ridículo e ultrapassado, confundindo amor com ódio levando muitos a matar, estuprar e espancar, mulheres inocentes sendo humilhadas, por serem sexualmente e sentimentalmente devotas, por aparentar ser mais frágil. Os

homens, nesse sentido, passam a se comportarem como "*animais*", contudo, uma grande maioria dos animais mesmo sendo irracionais não mata a sua espécie.

Essa falta de amor pelo próximo, o desrespeito ao ser humano, faz muitos agirem covardemente, agredindo suas esposas que se tornam mais submissas, por medo, por saber que, ninguém faz nada, e isso acontece todos os dias no Brasil e no mundo com pessoas de todos os níveis sociais, principalmente com as mulheres que não tem nenhuma condição financeira favorável e, que entre elas algumas não conhecem as leis nem seus direitos, que não sabem que existem ações governamentais para ajudá-las.

Não existe justificativa para atos tão cruéis, que causam repúdio e pavor. Quando na verdade, as mulheres não querem exclusividade, nada além de seus direitos, como afirma Touraine (1999, p. 222):

> *Como o status de sujeito sempre lhes foi recusado, para as mulheres é importante conquistar o direito de ser atrizes sociais e não serem iguais aos homens, o que elas só podem fazer reivindicando ao mesmo tempo a igualdade profissional e a liberdade sexual.*

O exposto ressalta o que ás mulheres solicita não é superioridade do gênero, mas de se reconhecerem através do direito da lei de igualdade (entre homens e mulheres), a partir do momento de sua valorização e entende-las como pessoa humana socializada. Dai, então resulta a força de reivindicar por direito de profissão e igualdade a liberdade sexual,

especialmente no Brasil.

As transformações nas relações e supremacia do gênero são explicadas sexualmente, em uma tentativa de justificar culturalmente, a desvantagem e inferioridade assinaladas à mulher.

Bozon (2004, p.20) nos explica que:

> *O fato de os homens ocuparem uma posição superior durante o ato sexual justificava o fato de "deverem governar". Imaginar um mundo em que as mulheres cavalgassem os homens seria tão absurdo quanto imaginar um mundo social em que as mulheres governassem.*

Diante dessa perspectiva até a posição sexual interferia durante a relação e o homem necessariamente tinha que se manter em uma posição superior (ficar em cima da mulher), cavalgando-a, como um macho para sentir poder que é capaz de dominá-la.

Seria considerada uma aberração natural uma mulher tomar as rédeas da relação sexual, seu prazer deveria ser limitado aos caprichos do homem, pois o homem a domesticava. Esse contexto sexual serviu para explicar o lugar da mulher na sociedade que deve ser controlada pelo homem, inscrito histórico e culturalmente, nos mostra essa lógica hierarquizante, o que esclarece questões atuais.

Contudo, existem, sem dúvidas, pessoas a quem a igualdade de respeito não irá satisfazê-las, tais pessoas não ficarão em paz enquanto qualquer vontade ou desejo próprio não seja atendido.

A espacialidade da violência e as políticas públicas voltadas para sociedade campinense

A análise geográfica nesse estudo destaca o elevado índice de violência que ocorre no Brasil nas últimas décadas, a má organização espacial e, a falta de ações por parte dos órgãos governamentais (poder público). Assim sendo, as dificuldades da sociedade brasileira vão para além da segurança, muitos são os problemas enfrentados como adquirir direitos: a moradia digna, saúde e educação.

Essa insegurança já é reflexo da violência, devido a um país regido por governantes que não investem em meios que realmente sejam eficazes para combater as atrocidades cometidas por todo tipo de meliante, o que torna a sociedade refém em sua própria casa. Logo, pode-se proferir que:

> *Sem dúvida, mulheres, assim como homens, a quem a igualdade de respeito não irá satisfazer; tais pessoas não ficarão em paz enquanto qualquer vontade ou desejo, que não o seu próprio não seja atendido (MILL, 2006, p. 65).*

Contudo, existem razões e, isto parece ser um paradoxo, sem dúvida é um fato social. Em outros momentos da história foi possível assistir mulheres espancadas, estupradas, violentadas em todos os aspectos, os seus direitos

como ser humano praticamente não existia, hoje em pleno século XXI, é possível observar situações semelhantes, e mesmo havendo um órgão responsável para proteger as mulheres que é o pacto nacional para o enfrentamento a violência contra a mulher, que foi lançado pelo então Presidente Luís Inácio Lula da Silva (08/2007), como parte da Agenda Social do Governo Federal.

O poder é um fenômeno complexo e tem estado no centro de reflexões e debates em diferentes campos das ciências. Consiste em um acordo entre governos: federal, estaduais e municipais (brasileiros) para o planejamento de ações que visem à consolidação de políticas públicas da violência contra as mulheres integradas em todo território nacional, que demarca uma jurisdição onde se organizam ações, que possuem efeitos necessários abrangentes em relação à selvajaria versus "*mulher*" em sua comunidade, onde existe probabilidade do recurso à repressão, pela lei ou pela força legítima. É importante reconhecer que a cada momento a história tem uma vida própria, por isso, situamos o bairro Acácio Figueiredo na zona Sul, do território campinense, já que é um bairro periférico, considerado favela e abandonado pelo poder público.

Em torno dessa tendência por parte dos governantes provoca a propagação da violência (criminalidade), a cada dia contra pessoas envolvendo os habitantes do bairro, a partir de um crescimento desordenado da cidade.

Bauman (2009, p. 16) afirma que "*poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é*

caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos".

Desse modo, com base nessas proposições, é possível avançar na discussão dos fundamentos sobre o espaço da violência e políticas públicas, que possam ser úteis á reflexões e, que essas atuações não causam a sociedade uma incredulidade no que diz respeito ao poder da lei.

Ainda Bauman ao fazer um relato sobre a situação da violência, de medo e desconfiança na qual o país vive expõe: "*suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana"* (BAUMAN, 2009, p.16).

Não existe limite da violência e do medo mesmo existindo política pública voltada exclusivamente para a mulher, vive-se momento em que pessoas tornam- se "*animais*", se assemelhando a algum outro tipo, que comem seus próprios filhotes. Essa é a natureza animal, por isso, não sentem remorso, diferentemente do ser humano que tem o privilégio de raciocinar e, que têm a capacidade de escolha, mesmo que seja trágica.

No entanto, a mulher como era considerada o sexo frágil, os homens se utilizavam desse pretexto, fazendo com que a violência sútil e mascarada fosse vista como correta, consequência de falta de obediência, elas eram agredidas, abusadas e humilhadas, por seus esposos, segundo Macedo (2002, p. 28) em um de seus discursos profere:

> *"E vós esposos, não batais na vossa esposa quando ela estiver grávida, pois há nisso grande perigo. Reparai que*

não digo: nunca lhe bateis; mas escolhei o momento".

O autor expõe sobre a forma de como o marido deve tratar sua mulher e expressa o momento oportuno para realizar o ato desumano. O porquê dessa normalidade era exatamente em épocas na qual, aconteciam com frequência, contudo, esses fatos sobrevieram em meado do século III (por volta de 1444) com também em tempos atuais, causa impacto já que o tratamento de alguns homens com suas mulheres permanecem o mesmo em pleno século XXI.

Atualmente esses atos são recriminados por alguns seguimentos das sociedades devido à normalidade. Diante do que foi mencionado, pode-se dizer que estes acontecimentos dão a impressão que o tempo não passou.

Castro (2008, p. 80), evidencia ao expressar a seguinte reflexão de que *"o poder corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo".*

Nesse sentido, pode-se interpretar a dominação que o homem sempre impôs sobre a mulher, pelo simples pretexto delas serem menos favorecidas de bens materiais, frágeis, desprezadas, em outras épocas, e até usadas apenas como meio de procriar, elas por sentirem medo concordavam com as agressões, em Campina Grande não foi e não é diferente dos outros lugares do mundo, sempre houve esse tipo de comportamento por parte dos homens.

É importante ressaltar como surgiram às divergências (violência) entre os gêneros (homem e mulher, ou as pessoas), entretanto, desde os primórdios, períodos em que a mulher vivia no clã denominado matriarcal, que lhe possibilitava

destaque em relação ao homem, momentos em que elas podiam semear colher frutos e cozinhar, cuidar da casa, dos filhos, sendo a mulher inclusive.

O homem diante dessa situação, por insegurança decidiu impor-se e, com o aparecimento de crenças (religiões) e por meio da qual é que o homem acredita ser superior, pois, ele detém a força física, passar a existir uma nova prática cultural que, no decorrer dos tempos se tornou tradicional.

No entanto, o homem passou a ter o domínio constituído sobre a família, especificamente sobre a mulher e posteriormente mantido até os dias atuais, contudo, o homem superpõe-se a mulher e que ela, por conseguinte é *"o sexo frágil"*. Essa certeza vem desde a antiguidade com feito, conduzindo as práticas sociais, na qual a mulher sofre preconceitos e é submissa, Nesse sentido, procede às diferenças, nas relações humanas o que culminou em uma sociedade, na qual conhecemos o machista.

Nessa perspectiva, se pode analisar a história da humanidade e durante todo o percurso a mulher sofreu preconceitos, repressões, a idade média é um bom exemplo e a religião tem poder decisivo sobre a mulher totalmente submissa ao esposo. Um fator fundamental para essa subordinação é questão da liberdade sexual.

Nesse sentido, procede às diferenças, nas relações humanas o que culminou em uma sociedade, na qual conhecemos o machista. Em um trajeto, se pode analisar a história da humanidade e durante todo o percurso a mulher sofreu preconceitos, repressões, a idade média é um bom

exemplo e a religião tem poder decisivo sobre mulher totalmente submissa ao esposo.

A violência contra mulher é uma manifestação que representa um fenômeno humano que compreende as relações de conflitos e poder, entre gêneros (sexos), em diversas épocas ao longo da história. Nesse contexto, podem-se perceber as denúncias nas quais a mulher é vista como a causadora do erro do homem, é acusada pelo seu desterro do "*paraíso*", tal fato encontra-se no livro do gênese (CAP. 3, V. 12) na fala de Adão ao enfatizar que: "*A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi*".

Nesse momento Adão culpa sua companheira Eva de lhe induzir a comer o fruto proibido, ela não o obrigou a comê-lo, ele sabia que não podia, mesmo assim comeu, e acusou-a por ser a parte mais inerme, submissa, usando-a como pretexto para justificar seu erro, segundo, a bíblia foi persuadido e se o homem é superior como pode ser convencido por uma mulher. Porém na consoante ideia, ela aceitou a culpa e isso a tornou mentora do "*crime*", o pecado original. A mulher em várias culturas representa a morte, a morte é representada como elemento feminino. Esse poder/perigo sendo representado pelo gênero feminino, só evidencia a propagação efetuada por nossa cultura repressora e a mulher é vista como uma maldição capaz de levar o homem a perdição.

Por ser a religião cristã uma das mais praticadas no mundo, consequentemente com muitos adeptos que acreditam erroneamente nessa versão e "*submetendo suas mulheres*

aceitarem essa condição". As interpretações da Bíblia são variadas e muitas vezes mal compreendidas, a Bíblia em uma perspectiva social, nesse contexto, serve como meio para conduzir uma sociedade machista e religiosamente hipócrita.

Na Grécia antiga a mulher não tinha direitos jurídicos, não recebiam educação formal, nem apareciam em locais públicos sozinhas, eram verdadeiras escravas confinadas em suas casas, não tinham nenhum valor sentimental. Em Roma as mulheres não eram consideradas cidadãs, e não diferente de outros povos a exclusão social as colocavam em situação de escravidão só pelo fato de ser mulher.

Desde os primórdios, como vimos, a mulher é discriminada, excluída e maltratada, porém diante de muitas lutas, algumas mulheres se destacaram e conseguiram serem reconhecidas, muitas perderam suas vidas, foram espancadas, expulsas de seu local de origem, ficaram deficientes, mas não desistiram.

Essa luta é tão notória que mesmo ainda vivendo em uma sociedade machista, hoje são muitos os projetos sociais que reivindicam os direitos da mulher, encorajando-as a resistir, persistir e lutar por sua liberdade em sentido amplo.

Desse modo, explicita Young (1995, p.99) apud MARIN (2002, p. 32) que:

> *O patriarcado é o lugar em que a habilidade do homem em ditar, sem questionamento, o status desigual e marginal das mulheres da sua família é contestada e severamente enfraquecida. Assim, a violência doméstica está aumentando ao mesmo tempo em que, como argumenta*

> *Sandra Walkate "as mulheres estão menos dispostas [do que já estiveram] a tolerar relacionamentos violentos".*

Assim, na medida em que a violência contra a mulher aumenta, ela se conscientiza que precisa se desvincular dessa cultura patriarcal que não tem sentido na contemporaneidade. Os tempos mudaram tudo evoluiu e essa ignorância deve ficar no passado. As mulheres não tem se mostrado dispostas a aceitar brutalidades por partes de homens insensíveis.

Um dos exemplos de determinação e superação ocorreu com a senhora Anayde Beiriz, que foi poeta e professora, escandalizou a sociedade retrógrada da Paraíba dos anos 20 com o seu vanguardismo: usava pintura, cabelos curtos, saía às ruas sozinhas, fumava, não queria casar nem ter filhos, escrevia versos que causavam impacto na sociedade paraibana e escrevia para os jornais. Nessa época, atitudes como estas dela não podiam ser tomadas por uma mulher, era um direito único e exclusivo do sexo masculino. A rejeição foi tão grande que as famílias proibiam as crianças de pronunciar seu nome, uma violência repressora.

Outra mulher corajosa que através do seu sofrimento, lutou e foi vitoriosa, a senhora Maria da Penha Fernandes, conseguiu a aprovação de uma Lei que protege as mulheres contra a violência aniquiladora por parte dos homens, lei a qual recebeu o seu nome. Com muita dedicação e senso de justiça, ela mostrou para a sociedade a importância de se proteger da violência que na maioria das vezes ocorre no ambiente mais inesperado, em seu próprio lar tornando-se o homem, um monstro devorador em busca de sua presa.

O Bairro Acácio Figueiredo: Um espaço da violência em Campina Grande-PB

Para que o problema da violência em Campina Grande passe a ser entendido se fez necessário, fazer um breve relato de como a violência tem se multiplicado nos últimos anos, visto que, em décadas passadas não se ouvia falar em crimes frequentes ou em assaltos constantes na cidade como acontece nos dias atuais, onde foi se formando na cidade um tipo de ambiente propício à violência que se agrava a cada dia, suscitando questionamentos pertinentes, devido às transformações bruscas na cidade de Campina Grande, que era pacata, de poucos moradores.

Durante toda a história da cidade que teve origem em onze de outubro de 1864, tendo apenas algumas casas, a igreja que existe ainda hoje a (Catedral), uma câmara municipal e uma delegacia que atualmente é um museu, residia uma pequena população de costumes pacatos, poucas ocorrências e, consequentemente, baixo índice de violência. Alguns escritores ao se referirem à cidade de Campina Grande, naquela época, utilizavam palavras saudosas, mostrando como ela era e como se encontra atualmente, como assegura Santos (2008, p. 108):

A antiga Campina Grande, que fora menina 'virgem e

> *ingênua', seduzida e deflorada pelos Tropeiros da Borborema, hoje com todo seu esplendor, brilho e sedução de Rainha liberal, urbanizada, cosmopolita, globalizada, senhora de destinos, embora vitimada pelos exploradores que mutilam ecologicamente os seus jardins de corpos femininos.*

Diante dessa afirmação, que o autor utiliza ao se referir à cidade como menina, pura, ingênua, despertando no leitor a curiosidade de saber o porquê Campina Grande era uma cidade tranquila, sem graves problemas, sem muitos assaltos ou assassinatos e hoje as pessoas andam nas ruas assustadas, escondendo-se, é óbvio que havia mortes, atos violentos. Porém, não na escala que é observada na atualidade, porque mesmo Campina Grande sendo um município que estava em desenvolvimento, era possível passear pelas poucas ruas sem medo.

Atualmente, Campina Grande é considerada uma cidade importante do interior do Estado da Paraíba, cresceu consideravelmente, e juntamente com o crescimento populacional a violência urbana, uma característica marcante das cidades desenvolvidas ou em desenvolvimento, isto ocorre devido ao grande fluxo de pessoas que se deslocam do campo para cidade, gerando um crescimento urbano desordenado.

Faz-se necessário compreender que em cada momento da história os processos são diferentes e a violência é observada de vários ângulos, ao ler parte da história da cidade de Campina Grande é possível compreender os motivos que

hoje revolta a sociedade que pede segurança, pois em meados do século XVII pode-se dizer que praticamente não era comum, ver jovens assassinados por motivos fúteis como drogas, mulheres assassinadas entre outros problemas, casos que hoje se tornaram motivos de reportagens, e são vistos com tanta frequência que não causa mais espanto.

É oportuno ressaltar que os problemas enfrentados pela população não impediu o crescimento do local e, isso pode ser visualizado através de algumas fotos tiradas de vários anglos de ruas, como a Manoel Batista que é a principal, José S. de Almeida, a Áurea Moura Ribeiro e a Vanda Elizabeth que são as mais antigas.

Foto 2: Crescimento urbano da Rua Manoel Batista-Acácio Figueiredo

Fonte: Autoria própria

Nessas Ruas, localizam-se vários comércios como panificadoras, supermercados, farmácias, e a única igreja católica, Nossa Senhora da Conceição, ponto de encontro dos fiéis, e local onde acontecem várias comemorações, festas de casamentos, festas religiosas que se localiza na rua principal Manoel Batista, onde está localizada a igreja católica.

Esta foto mostra a igreja Nossa Senhora da conceição que foi construída pelos moradores do bairro Acácio Figueiredo (Catingueira) a mais de quinze anos, patrimônio da sociedade local onde se reúnem aos domingos para fazer suas orações.

Foto 3: Igreja Nossa S.ª da Conceição que se localiza no centro do bairro

Fonte: Autoria própria

Por ser a única igreja católica do bairro e estar

localizada em um ponto central, em suas mediações ficam os moto taxistas, alguns barracos, nos quais vendem café e outros produtos,e durante a noite forma-se um ponto de encontros, pois comerciantes colocam churrascos, bebidas, carrinhos para venda de batatas fritas, o que aumenta o fluxo de pessoas no local.

É bem visível o crescimento do bairro e próximo a essa rua a creche, posto médico, escolas públicas e particulares, restaurante popular entre outros estabelecimentos que contribuem para o desenvolvimento do bairro Acácio Figueiredo. Ao realizar uma entrevista com a Sr.ª M. D. S, que reside no bairro há trinta anos, ela relata:

> *Quando eu cheguei à Catingueira, aqui não tinha nada, nem água, a luz era de lamparina, e a água tinha uma torneira no meio da Rua Áurea Moura Ribeiro onde a gente pegava água para beber e cuidar das coisas, hoje Catingueira é uma cidade, tem de tudo, mercado, farmácia, creche, grupo escolar, posto, até restaurante de um real! Fico feliz de morar aqui e só saio pra o cemitério, porque foi aqui onde consegui tudo que tenho hoje. (1512/2013)*

Essa senhora ao contar esse fato, percebia-se em seus olhos o orgulho que ela tinha de morar nesse lugar. Ela tem uma história de vida e, quando interrogada se havia alguma coisa que a preocupasse no que diz respeito à violência ela prontamente respondeu: *"ah... hoje é bem difícil a gente tem um pouco de medo porque antes dava até pra dormir com a porta aberta, mas agora não, porque nos últimos anos vi muita gente morrendo, pessoa que eu vi nascer, crescer e ser morto isso é triste!"*.

Ao fazer esse esclarecimento, percebia-se que a voz da senhora M.D. S. estava trêmula e falhava, uma vez que, o medo e o sofrimento se tornavam cada vez mais perceptível a cada palavra que dizia, essa é a realidade dos moradores que vivem em um momento de medo.

A violência contra a mulher no bairro Acácio Figueiredo em Campina Grande-PB

Hoje na sua forma contemporânea Pode-se afirmar que o desenvolvimento, ou seja, a organização política urbana das cidades cresceu e junto o índice de violência e, por motivo de ordem nas grandes cidades é bem maior. À medida que a cidade cresce, aumenta o número de bairros e de pessoas que passam a residir nestes.

Com o crescimento desordenado das cidades aumenta o medo da população, já que o vínculo que existia entre grupos de pessoas, agora com a modernidade fluida, em que tudo é passageiro, e a pressa do cotidiano diminui a proximidade, o crescimento afasta as pessoas, e vão surgindo outros problemas que contribui para o crescimento da violência no Brasil, e consequentemente, em Campina Grande.

A delegacia especializada da mulher nos informou que a estatística mensal de janeiro a julho de 2010 em termos circunstanciais concluiu 237 inquéritos, e tem 55 em andamento, e os delitos que mais ocorrem são: ameaças de morte, foram 86 lesões corporais, 62 crimes contra a honra.

À medida que esses tipos de agressões atravessam os bairros da cidade em várias partes periféricas, cujas ruas, casas

e outros lugares tornam-se palcos "*temporários de violências*".

Essa falta de confiança entre as pessoas da sociedade campinense, mais precisamente no bairro Acácio Figueiredo, (Catingueira), na questão da violência tem crescido consideravelmente em todos os setores. Por essa razão tem diminuído o respeito entre a população do bairro. Souza (2008, p.9) enfatiza que: "*O medo de sofrer uma agressão física, de ser vítima de um crime violento não é como já disse nada de novo; ele se faz presente, hoje, em qualquer cidade*".

Na violência silenciosa, repressora, simbólica encontramos vozes sufocadas que nos asseguram e dão veracidade aos fatos: A dona de casa X expõe suas reflexões passadas sobre a violência sofrida ao afirmar que:

> "*Vivi dezenove anos com meu marido, não era tratada como um ser humano, mas, como uma escrava, além de apanhar, ser prisioneira, eu não podia varrer nem a frente da minha casa, para sair de casa ele me acompanhava ,foi muito ruim. Ele jogava meus filhos contra mim, apanhava muito, ele se sentia meu dono, meu senhor não sei dizer o que era aquilo, me obrigava a fazer sexo com ele até ele dormir ,e eu fazia, tinha medo que ele me matasse, sofri muito, meu Deus como foi ruim aquele tempo". ((X), 20/12/2013)*

A senhora X no exposto conta sua história triste e cruel, resultando suas peculiaridades, ao longo dos anos do seu sofrimento e o poder do seu companheiro sobre ela, na prática do dia a dia, da violência entre eles, em que se reproduziam o seu modo de vida nesse "lar". Entretanto isso não se reproduz de forma disciplinar, se não se adaptando

continuamente ás pressões e ás contradições que emergem da sociedade, e englobando-as no próprio sistema cultural.

O medo ainda impede que as mulheres reajam, denuncie seus companheiros. Mas já foram dados passos largos e não é o momento de recuar mais de lutar.

No entanto, pode-se observar que a atuação dos órgãos responsáveis pela defesa da mulher é pouco divulgada, e um grande numero de mulheres não conhece de forma especifica seus direitos, além disso, as quais, não há uma política de conscientização e, que se pode recorrer.

Isto É em parte, uma decorrência lógica do próprio fenômeno: a "*violência*", afinal como fato social está aptos a se imbricar em todas as esferas da vida social, e influenciá-las tão poderosamente, como violência.

As mudanças pelas quais as mulheres têm passado ao longo dos anos contribuíram bastante para o aumento da violência, já que aumenta o número de pessoas, e o índice de criminalidade também, existe violência contra a mulher em todos os lugares, o que acontece é que em cidades menores é um assunto pouco divulgado, e o motivo pelo qual colocamos isso em evidencia, é porque à medida que a cidade cresce aumenta o número de bairros e de pessoas que passam a residir neles, cenas semelhantes a esta acontecem todos os dias, mas as vítimas não confessam seu sofrimento.

Sobre esta questão estrutural, Maricato (2008, p. 36) afirma que:

Concentração territorial homogeneamente pobre (ou

> *segregação espacial), ociosidade e ausência de atividades culturais e esportivas, ausência de regulação social e ambiental, precariedade urbanística, mobilidade restrita ao bairro, e, além dessas características todas, o desemprego crescente que, entre outras consequências, tende a desorganizar núcleos familiares e enfraquecer a autoridade dos pais, essa é a fórmula das bombas socioecológicas. É impossível dissociar o território das condições socioeconômicas da violência.*

Os atos violentos se apresentam de várias formas e em diversos segmentos da sociedade. No decorrer da história da humanidade, várias tentativas foram realizadas para tentar justificar as desigualdades sociais. No entanto, as mudanças foram poucas a ponto do homem justificar um ato tão absurdo, a violência, muitos foram os nomes dados para esse ato, estupidez, grosseria ou violência verbal, selvageria, agressividade, brutalidade, bestialidade ou violência aniquiladora que envolve coerção física entre outras formas, porém, nada até hoje conseguiu mudar indivíduos sociais, talvez a falta de punição esteja relacionado ao crescente número de crimes.

Esses termos utilizados direcionam as pessoas a pensar qual o sentido para algo tão ruim tenha ênfase nos meios de comunicação e porque não dizer alvo de preocupação social, é uma situação alarmante, causa repúdio à dinamicidade que a palavra violência traz e como é praticada por alguns delinquentes e inconsequentes sociais.

De acordo com os estudiosos, Waiselfis e Maciel (2004, p. 9):

> *[...] há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em suas posses, ou suas participações simbólicas e culturais.*

As expressões acima utilizadas no sentido de representaras formas culturais vividas que ridiculariza a sociedade. Muitas são as vítimas desse tipo de violência no bairro Acácio Figueiredo (Catingueira), que ocorreram nesses últimos cinco anos, provenientes exatamente das expressões as quais waiselfisz e Maciel expõe que, indivíduos que em busca de poder, interesses materiais, por esses motivos irrelevantes ceifaram vidas de inocentes, como a da jovem R.N.C., que foi assassinada na porta de sua casa, fato este que chocou a população do bairro, noticiada pelo jornal *Diário da Borborema* (18/05/2009).

Nesse discurso os estudiosos do assunto enfatizam uma discrição de processos culturais as formais culturais simples, de um, conjunto de abstrações em relação às quais, toda abordagem parcial possa ser julgada.

Cada enfoque tem uma racionalidade própria, também implica uma visão de diferentes práticas socioculturais das várias pessoas envolvidas para controlar ou transformar os mais poderosos meios de reprodução social ou para desenvolver alternativos pelos quais poderiam ser buscados.

Muitas são as faces da violência, são distintas, até por

cores como, por exemplo, violência vermelha, de cunho estrutural, se destaca na atuação das classes e, politicamente dominante, criando direitos naturais, para manter-se com os privilégios.

Na perspectiva de Morais (1985, p. 78):

> *Usam-se expressões como: "violência vermelha e violência branca", "manifestação brutal e manipulação sutil" ou "simplesmente brutalidade e opressão", todas estas oposições significando a convivência entre nós de violência criminosa (puníveis) e violências institucionalizadas (aceitas até pela lei).*

Assim, a violência se revela na criminalidade articulada pelas bases organizacionais como violência branca e se manifesta como aniquiladora que transita no âmbito social ou no individual como ato aniquilador, nesta, o excesso de ódio faz com que o outro seja destruído, o egoísmo impera, como também existe a violência gratuita, praticada sem necessariamente um motivo ou por prazer.

A violência nos últimos anos cresceu consideravelmente e juntamente com ela surgem vários problemas, como a falta de estrutura social, um dos fatores que contribuem para o crescimento da violência no Brasil e conseqüentemente no bairro Acácio Figueiredo, em Campina Grande-PB.

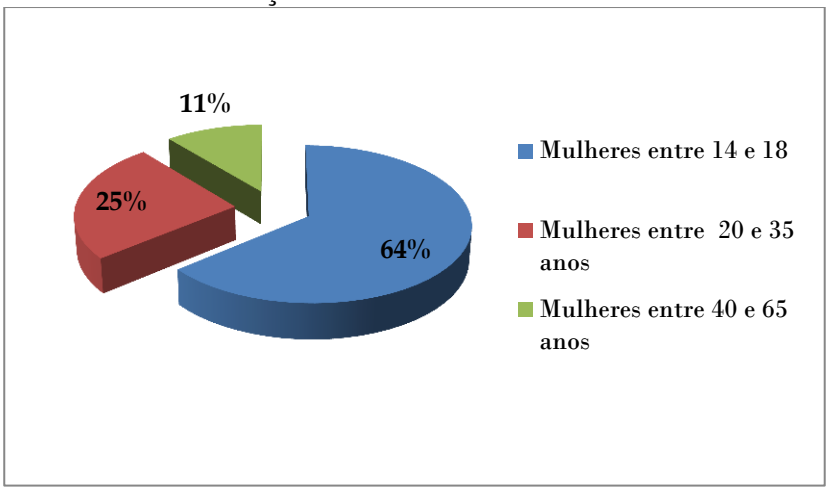
Na realização de entrevista com alguns moradores, especificamente mulheres vítimas de violência foi possível observar vários aspectos, como a diferença de idade o nível de escolaridade entre outros, a entrevistada senhora "Y",

esclarece que:

> *Eu posso dizer que sou vítima de violência porque vivie 19 anos com uma pessoa que além de me bater me fazia prisioneira, porque nem a frente da casa eu podia varrer, não podia fazer compras porque ele não deixava, nem ia à casa de minha família, era muito difícil mais eu suportava por amor aos meus filhos, apanhei muito, ele tirava sangue em mim e eu ali, não tinha emprego, só tinha feito até o 8º ano na escola e não podia fazer nada a meu ver, até que um dia ele quebrou meu nariz e eu me decidi porque ou eu deixava ele ou morria (01/08/2014).*

Mediante entrevista, é possível compreender de certa forma o porquê de muitas mulheres se submeterem a viver em situação de risco, como na casa da senhora "Y" não tinha emprego, nem estudo o suficiente para conseguir, sozinha, criar seus filhos e por estes motivos se submetia a maus tratos do companheiro. Em pesquisa realizada com mulheres entre 14 e 40 anos constatou-se que, 64% têm entre 14 e 18 anos 25% têm de 20ª 35 anos e 11% têm de 40 e 65 anos, já foram vítimas de violência pelo menos um tipo de violência, como mostra o gráfico a seguir.

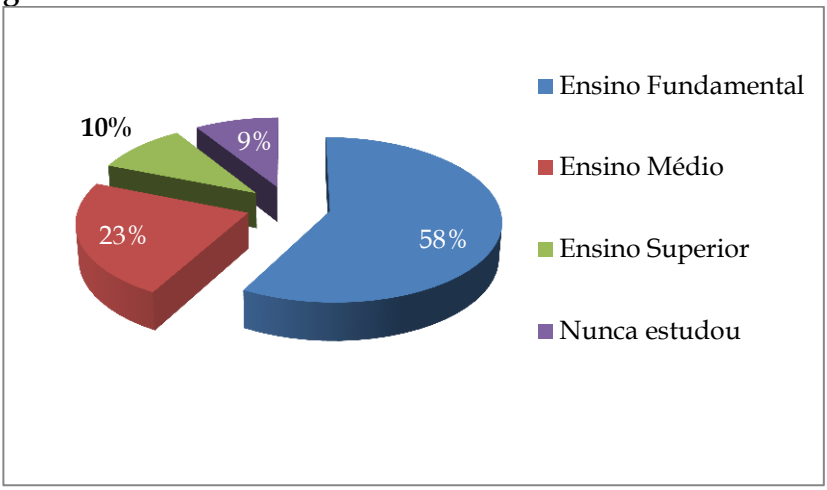
Gráfico 1. Distribuição das mulheres vítimas de violência



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

No que se refere ao gráfico o índice de violência o índice de violência mais comum é o de agressão e tortura no próprio meio familiar, (na própria casa, por exemplo) no que se possa imaginar como uma realidade no cotidiano de algumas mulheres que tem certa aversão a denunciar os seus agressores o que muitas vezes dificulta a ação da justiça em praticar alguma ação referente a esta situação, e o que mais causa indignação é que, de acordo com as mulheres entrevistadas apenas, 9% não estudaram, 23% fizeram o ensino médio, e 58%cursaram o ensino fundamental e, 10% cursaram o nível superior, E 9% não conseguiram estudar como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 2. Distribuição das mulheres participantes quanto ao grau de escolaridade



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Diante as entrevistas realizadas os dados expõem que em sua maioria são pessoas instruídas, descartando o mito que mulher violentada é apenas aquela que nunca estudou, de acordo com as entrevistas feitas muitas mulheres relataram que sofrem por sentir amor e medo do seu parceiro, e assim vão se submetendo as agressões, e afirmam que é muito difícil deixar o companheiro, porque a priori são carinhosos, mais na verdade são machistas e violentos como expressa a entrevistada "H" (30/07/2014) afirma que:

> *Eu terminei o ensino médio, sou solteira, porém vivi com um homem uns três anos apanhei muito, era apaixonada por ele e tinha medo de denunciar porque ele me ameaçava era muito machista e violento, até que certo dia ele disse que*

> *ia me matar e fechou todas as portas d nossa casa , quando ele saiu para pegar um facão que estava na cozinha consegui abrir a porta e não voltei mais, já faz alguns anos que me separei fiquei com medo não arrumei mais ninguém , é isso que faz uma mulher sofrer calada medo.*

Pode-se perceber diante do exposto que medo de denunciar é muito forte entre as vítimas de todas as idades e níveis sociais não apenas com mulheres de baixa escolaridade.

De acordo com Souza (2008, p. 9), *"o medo de sofrer uma agressão física, de ser vítima de um crime violento não é como já disse nada de novo; ele se faz presente, hoje, em qualquer cidade".*

Até porque violência em sua maioria é praticada m silencio, é repressora, não simbólica que sufoca suas vítimas as tornando prisioneiras. O autor deixa claro que em sua maioria as mulheres ficam em silencio porque o seu agressor a domina utilizando meios covardes as faz ficarem emudecidas, é surpreendente o poder de persuasão que estes indivíduos possuem sobre suas vítimas, e muitas vezes os agressores se utilizam de desculpas como embriagues, além de atribuir a outros motivos como nervosismo, falta de emprego, para manipular e ficar sem punição.

Nesse estudo, pode-se observar que a atuação dos órgãos responsáveis pela defesa da mulher é pouco conhecida e, que um grande número delas não tem conhecimentos dos seus direitos, porem não há uma política de conscientização no bairro Acácio Figueiredo orientando-as a denunciar seus agressores.

Conclusão

A partir do referido estudo sobre a violência contra a mulher ao longo dos tempos, fazendo um paralelo com o bairro Acácio Figueiredo constatou-se que o problema envolve muitos segmentos da sociedade, e perpassa por muitas implicações e eixos políticos, econômicos, sociais e culturais, provocando questionamento no que diz respeito de quais providencias que devem ser tomadas, ao bem estar da população local, de maneira geral, para melhorar as condições sócio culturais da sociedade campinense, até mesmo do próprio bairro para que se possa viver melhor socialmente.

A violência se insere nesse contexto brasileiro , assim como nos demais países, notadamente latino-americano, onde constitui um emaranhado de contradições estruturais na esfera socioeconômica e nas relações simbólicas entre sexos.

Nesses paradoxos as diferenças físicas e psíquicas são utilizadas como fator de desigualdade e discriminação, enfatiza um processo social no qual o sexo feminino padece em uma situação de inferioridade, apesar das muitas e recentes conquistas.

A sociedade encontra-se num momento em que os cidadãos de bem, como reflexo da violência estão tornando-se prisioneiros em suas próprias casas. Além disso, são necessários maiores investimentos, olhares e leis mais severas para o infrator, e assistência e apoio para mulher que sofre pela agressão de diversas formas e com medo de permanecer cada

vez mais forte entre as vítimas, de todas as idades e níveis sociais, seguimentos religiosos e cores.

É necessário que os governantes passem a observar que a população que precisa de ações sociais mais concretas para ter uma vida melhor e passem a observar e ter consciência da realidade dos acontecimentos, haja vista que, nas ultimas décadas a violência no bairro cresceu consideravelmente.

Não há justificativas, para que espaços não sejam delimitados para o crime, para que a população não viva com medo, cercada por grades. A cada dia é importante a produção de estudos que procuram disseminar o entendimento entre todas essas diferenças sociais e incentivar o dialogo entre elas, rompendo com processos discriminatórios.

Bibliografia

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres, educação e religião: as interfaces do poder numa perspectiva histórica.** São Bernardo do Campo-SP: Universidade Metodista, 1994.

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Novo Horizonte, 1995.

AQUINO, Ítalo de Souza. **Como escrever Artigos Científicos sem "arrodeio" e sem medo da ABNT.** 6 ed. João Pessoa: EDUFPB, 2009.

BAUMAN, Zigmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **Segundo o Sexo: A experiência vivida.** 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na idade média**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MARICATO, Ermínia. Brasil Cidades: **alternativas para crise urbana. 3**ª ed. Rio de Janeiro: vozes, 2008.

MARIN, I.S.K. **Violências.** São Paulo: Escuta/FAPESP, 2002.

MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres.** São Paulo: Escala, 2006.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Território e história no Brasil.** São Paulo: Annablume, 2005.

PEDRAZZINI, Yves. **A violência das cidades**. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

SANTOS, Agnaldo Barbosa dos. **Espacialidade e ressignificação das cavalhadas de argolinhas em Campina Grande.** Dissertação de mestrado. Campina Grande: UEPB, 2007.

SANTOS, Milton. **Espaço e métodos.** 5. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Ligia Pereira dos. **Mulher e violência: história do corpo negado**. Campina Grande: EDUEPB, 2008.

SIDEKUM, Antônio. **Alteridade e multiculturalismo**. Unijú-RS: Lugar, 2003.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. São Paulo: EDUSC, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobopole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

TOURAINE, Alain. **Podemos viver juntos?: Iguais e diferentes.** Pretópolis, RJ: Vozes, 1998-1999.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo; Ática, 1993.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira:** o que é, como se faz. 15 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

AISELFISZ, Julio Jacob; Maciel, Maria. **Revista Gestão em Rede-Consed** - Conselho Nacional de Secretarias de Educação, n. 51, Brasília, 2004.

Gease